

# O LÚDICO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS



## ALEX MONTEIRO DA SILVA

Graduação em Licenciatura de Matemática pela UNG - Universidade de Guarulhos (ano de conclusão: 2008); Especialista em Ensino de Matemática no Ensino Médio pela UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos (ano de conclusão: 2016); Professora de Ensino Fundamental II e Médio de Matemática - na EMEF Ruy Barbosa..

## RESUMO

É notório que o professor na sala de aula precisa estar atento a todo tipo de dificuldade que os alunos possam vir a apresentar. Por isso, é importante que o docente saiba lidar com todo tipo de deficiência, distúrbios, dificuldades e transtornos para que assim, este possa planejar bem as aulas com conteúdo que abranja todos, independente da dificuldade apresentada. Pensando nisso, a ludicidade é uma ótima ferramenta para ser utilizada na educação inclusiva infantil. Dessa maneira, é preciso inserir o docente preparado na instituição escolar, para que este consiga promover um ensino de qualidade a seus alunos. Nesse sentido, a questão problema deste estudo foi: como o lúdico pode contribuir para o ensino de alunos com dificuldade de aprendizagem? O objetivo geral do presente artigo consiste em conhecer a educação inclusiva tendo em vista, muitos ainda têm dúvidas sobre sua origem. Quanto aos objetivos específicos foram: compreender melhor a história da educação inclusiva; entender as dificuldades de aprendizagem que os alunos podem apresentar e entender como a ludicidade no processo de aprendizagem pode beneficiar o professor na identificação de dificuldades dos discentes. No que compete a metodologia utilizada neste trabalho optou-se pela revisão bibliográfica que contou com artigos científicos e livros didáticos sobre o tema. Diante disso, este trabalho pôde proporcionar conhecimento acerca do papel deste importante componente profissional dentro do ambiente escolar a fim de estimular e promover os alunos durante o ensino aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dificuldades; Aprendizagem; Educação Inclusiva; Lúdico.

## INTRODUÇÃO

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica que traz a importância da ludicidade utilizada em crianças da educação infantil que tem alguma deficiência na aprendizagem, seja uma deficiência física, um distúrbio, um transtorno ou até mesmo uma simples dificuldade na aprendizagem. Sendo assim, na escola o professor pode utilizar de vários métodos para trabalhar a dificuldade de um aluno e ajudá-lo a superar tais bloqueios que impedem a sua aprendizagem. Nesse sentido, a ludicidade como ferramenta de ensino e inclusão de alunos, tem sido muito bem aceita dentro das instituições de ensino para ajudar os alunos no processo de aprendizagem, devido muitos apresentarem algum atraso ou algum problema diagnosticado mais grave, mas que com a ajuda desse profissional, o aluno consegue vencer a dificuldade.

Diante disso, este estudo foi desenvolvido sobre a seguinte questão: como o lúdico pode contribuir para o ensino de alunos com dificuldade de aprendizagem? Sabe-se que o lúdico é uma ótima ferramenta para o docente, porém, não basta apenas aplicar o lúdico em sala de aula sem se ter um objetivo com aquela aula e nem um planejamento adequado para cada aluno.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é conhecer a educação inclusiva tendo em vista, muitos ainda têm dúvidas sobre sua origem, já os objetivos específicos foram: compreender melhor a história da educação inclusiva; entender as dificuldades de aprendizagem que os alunos podem apresentar e entender como a ludicidade no processo de aprendizagem pode beneficiar o professor na identificação de dificuldades dos discentes.

Este estudo é de fundamental importância tanto para alunos como para a sociedade em geral, pois, informação nunca é demais. Em se tratando de um tema que sempre existem pessoas desinformadas sobre ele, e, ainda, por encontrar pessoas com dificuldades de lidar com a educação inclusiva no seu dia a dia. Diante disso, optou-se por utilizar como metodologia, a revisão bibliográfica onde optou-se pela abordagem qualitativa contando com autores de livros e artigos que defendem e conhecem a fundo o assunto abordado.

## O LÚDICO E A APRENDIZAGEM DE ALUNOS AUTISTAS

Segundo Santos (2002) a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento. Neste sentido, Almeida (2009) diz que:

O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo (ALMEIDA, 2009, p.1).

Ou seja, o lúdico constitui como um momento de aprendizagem significativa para a criança, fazendo com que ela aprenda de forma prazerosa bem como somente o lúdico pode proporcionar.

Arantes e Barbosa (2017), explicam que:

O lúdico é um adjetivo masculino com sua origem no latim ludus; após vários estudos e pesquisas voltados para essa prática a palavra em si evoluiu, passou a levar em consideração as pesquisas em psicomotricidade, de modo que deixou de ser considerado apenas o sentido do jogo. O lúdico faz parte da atividade humana, sendo caracterizado por possuir uma função clara, ser espontâneo e satisfatório (ARANTES, BARBOSA, 2017, p.101).

Almeida (2009) diz que grande parte das escolas de ensino infantil tem inserido as atividades lúdicas como exercícios repetitivos, tornando assim o ensino em algo forçado e maçante. Ao citar sobre o lúdico para educadores tradicionalistas, eles associam a objetos coloridos, brinquedos e músicas ritmadas.

Arantes e Barbosa (2017) ressaltam que o lúdico vai muito além disso, pois há um universo em que a criança cria seu mundo de fantasia e encantamento. A atividade lúdica está ligada ao raciocínio, descoberta de si mesma, possibilidade a experimentar e criar experiências novas. Dessa forma, crianças com alguma dificuldade, transtorno ou distúrbio precisa de métodos estimulantes e que facilitem a sua aprendizagem, para que progridam e desenvolvam juntamente com os outros alunos da mesma idade.

Nesse sentido, esta forma de compreender a linguagem lúdica faz emergir a valorização dos brinquedos e brincadeiras tradicionais como nova fontes de conhecimento e de desenvolvimento infantil. Tem-se a ascensão de jogos e brincadeiras com fins pedagógicos, como os jogos históricos, científicos e educativos. Assim, Kishimoto (2010) enfatiza que:

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (KISHIMOTO, 2010, p.01).

Desse modo, é importante que o primeiro defensor do lúdico a acreditar que ele é um instrumento valioso para o aprendizado do aluno, é o professor. Além de defender, ele precisa estar ciente de que a criança, neste processo aprendizagem, está em formação e precisa se sentir segura em todos os aspectos, tanto afetivo quanto social, e começa na escola este processo de desenvolvimento social que poderá ou não ajudar, dependendo de como o seu professor ensinará a ela.

Assim sendo, é importante destacar acima de tudo que, o contexto educacional caracterizado pela relação entre adultos e crianças, deve caracterizar-se pelo respeito mútuo, pelo afeto e pela confiança. Desse modo, Moratori (2003) apresenta algumas vantagens quanto ao lúdico no contexto ensino e aprendizagem, como: aprender a tomar decisões e saber avaliá-las; favorece o desenvolvimento da criatividade, de senso crítico, da participação, da observação e das várias formas de uso da linguagem.

Arantes e Barbosa (2017) concluem que o lúdico contempla os jogos, brinquedos e brincadeiras, de modo que o aluno sempre adquira novos conhecimentos a partir dessa estratégia de ensino. Ou seja, a criança se expressa de diferentes formas e se utiliza principalmente dos jogos, brinquedos e brincadeiras para se expor, exteriorizando seu íntimo, suas ideias e conhecimentos prévios. Dessa forma, brincando a criança tem muito mais chances de aprender o conteúdo proposto pelo professor do que através de aulas com métodos tradicionais causando a falta de interesse

e de motivação da criança.

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Ao longo da história, o preconceito lançou sombras sobre a vida das pessoas com deficiência, embora hoje, felizmente, essa escuridão tenha diminuído. Ganderer (1993) e Sassaki (1997) nos ajudam a entender essa jornada, mostrando que, em tempos remotos como a Idade Média, uma criança nascer diferente era, para muitos, sinal de pecado dos pais. Sullivan (2001) nos lembra da dor dessas famílias, que muitas vezes escondiam seus filhos, temendo o julgamento cruel da sociedade. Houve épocas ainda mais sombrias, como na Grécia antiga (por volta de 480 a.C.), onde uma criança que não se encaixasse em padrões físicos era vista como descartável, um destino trágico e impensável.

Diante desse passado doloroso de marginalização, Costa (2018) nos faz refletir sobre como essas crianças eram desumanizadas, o que abria caminho para a negligência, o abuso de poder e o preconceito. Nosso olhar agora se volta para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição que também carregou o peso da incompreensão e de abordagens inadequadas ao longo do tempo.

Amorin (2017) nos ajuda a entender o TEA como uma forma única de desenvolvimento, onde a comunicação e a interação social seguem caminhos diferentes, e onde padrões de comportamento e interesses podem ser mais focados e repetitivos. Mas, em vez de focar apenas nos desafios clínicos, é inspirador ver o crescente reconhecimento de métodos de ensino que realmente engajam esses alunos. Uma luz que brilha nesse sentido é o ensino lúdico, uma ferramenta promissora que encontra apoio em diversas teorias e na experiência prática de muitos educadores.

A brincadeira é essencial para o desenvolvimento de qualquer criança, como bem nos mostram Vygotsky (1978) e Piaget (1969). Para os alunos com TEA, essa abordagem pode ser ainda mais especial, tornando o aprendizado mais acessível e motivador.

Embora Amorin (2017) nos mostre o poder da música na educação, despertando a criatividade, a mente, a união e a motivação, podemos imaginar como outras formas de brincadeira podem trazer essa mesma magia. Jogos e atividades que exploram os sentidos de forma lúdica podem ser oportunidades maravilhosas para que os alunos com TEA se desenvolvam de maneira natural e com alegria.

As palavras de Orrú (2012) sobre as dificuldades de relacionamento, a comunicação que às vezes encontra barreiras e os comportamentos repetitivos nos lembram da importância de ensinar com sensibilidade e compreensão. O ensino lúdico, ao criar um ambiente menos tenso e mais previsível, ameniza a ansiedade, ajudando a diminuir aqueles momentos desafiadores que surgem quando a criança se sente perdida ou incompreendida. Sendo assim, Orrú (2012) explica que:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. (ORRÚ, 2012, p. 19)

Zavareze (2009) nos aponta para a importância de observar atentamente o comportamento das crianças em diferentes situações para um diagnóstico precoce do TEA. Essa mesma atenção cuidadosa nos permite descobrir os interesses e preferências lúdicas, informações valiosas para criarmos atividades de ensino que realmente façam sentido para cada um deles.

A compreensão de que o TEA se manifesta de maneiras muito diversas em cada indivíduo (Rotta, 2007) nos mostra a singularidade humana e a necessidade de abordagens educativas flexíveis e personalizadas. O ensino lúdico, com sua capacidade de se moldar e se diversificar, pode ser uma ferramenta poderosa para atender essa variedade de experiências.

Hoje, sabe-se que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidade (ROTTA, 2007, p. 423)

Mesmo que Gonçalves (2013) nos ajude a entender as bases genéticas do autismo, afastando antigas ideias equivocadas, a necessidade de aprender a conviver e educar pessoas com TEA com conhecimento e empatia permanece fundamental. O ensino lúdico, ao incentivar a interação social de forma estruturada e divertida, pode ser um caminho para fortalecer o relacionamento e desenvolver habilidades sociais que permitam os alunos enfrentarem situações cotidianas.

Costa (2018) nos lembra da origem da palavra "autismo", que em grego significa "em si mesmo", ecoando as primeiras observações de Kanner sobre o foco interno característico dessa condição. O trabalho pioneiro de Kanner foi crucial para dar um nome e uma compreensão inicial ao autismo. Hoje, nossa jornada de aprendizado nos leva a buscar formas de promover a conexão e a participação, e o ensino lúdico se encaixa perfeitamente nessa visão mais inclusiva.

Assunção (2002) nos convida a admirar a visão de mundo única das pessoas com autismo, sua sinceridade genuína e a importância de escolas acolhedoras e preparadas, com professores que compreendam suas necessidades. O ensino lúdico pode ser um ingrediente especial nessa adaptação, criando um espaço de aprendizado onde se sintam seguros, estimulados e respeitados em suas particularidades sensoriais e cognitivas.

As palavras de Ganderer (1993) e Amorin (2017) sobre a importância da inclusão e do diagnóstico precoce ressoam com a esperança de um futuro melhor para essas crianças. Ao trazer o ensino lúdico para os primeiros anos da educação, podemos facilitar sua adaptação à escola, incentivar a alegria de estar com os outros e impulsionar seu desenvolvimento de maneira leve e significativa. A atenção carinhosa dos pais e o conhecimento sensível dos educadores são a chave para que essa abordagem lúdica floresça e atenda às necessidades únicas de cada criança com TEA.

## A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Zavareze (2009) explica que, na antiguidade, havia muitos julgamentos a cerca de uma criança nascer com algum tipo de deficiência. Ao iniciar este estudo, é preciso falar sobre as fases dessa história que foi se revolucionando ao longo do tempo. Na primeira, se destaca a fase em que as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência eram consideradas como monstros, e este termo de “monstro”, foram se expandindo até que chegasse a fase da institucionalização de pessoas com deficiência que surgiu em meados do século XVIII na Alemanha e depois se expandiu para o Brasil em meados do século XIX. Neste momento, deu-se a segunda fase, onde a deficiência passou a ser institucionalizada onde essas pessoas eram segregadas e protegidas em instituições residenciais, que também eram consideradas como um tipo de depósito para pessoas que tinham deficiência.

Partindo para a terceira fase que foi marcada pelo desenvolvimento de escolas e turmas especiais em escolas públicas no século XX, visando oferecer à pessoa com deficiência uma educação à parte. Beyer (2006) explica que, já na última fase, no final do século XX, mais especificamente na década de 70, observou-se um movimento de integração social dos indivíduos que apresentavam alguma deficiência onde o objetivo era os inserir em ambientes escolares mais próximos possíveis daqueles que eram oferecidos às pessoas que não apresentavam deficiência.

Zavareze (2009) diz que naquela época o intuito passou a ser educar essas pessoas em sua capacidade máxima de aprendizagem, ou seja, ao relacionar essa parte com os dias de hoje, ainda é muito presente esta luta pela valorização e a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade.

Durante o século XX, a educação especial foi se constituindo na educação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024/61, destaca que a educação de excepcionais deve no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los a comunidade (BRASIL, 1961).

Com o passar dos anos, das décadas, houve muita mudança em favor das pessoas com deficiência. Foram criadas muitas instituições específicas para atender estas crianças. Um marco importante que se deve citar, se deu por meio da Constituição Federal de 1988, no seu artigo 206, inciso I, onde estabelece a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1961).

Guimarães (2003) ressalta que, em meio às lutas pela garantia à educação em 1990, a UNESCO estabeleceu a Declaração Mundial de Educação para todos, onde tem o objetivo de garantir a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem para todas as crianças, adolescentes e adultos. Outro momento também que marcou o processo de estruturação de políticas nacionais se deu por meio da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, representado por 92 países e 25 organizações internacionais ocorridas em 1994, em Salamanca, na Espanha.

Laranja (2004) menciona ainda que, esta conferência ficou conhecida mundialmente como Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educati-

vas especiais onde estabeleceu que todas as crianças e jovens com necessidade educativa especial tivessem acesso a escolas regulares e, além disso, que as escolas se adequassem por meio de uma pedagogia centrada na criança capaz de ir ao encontro de suas necessidades.

A Declaração de Salamanca é conhecida até os dias atuais como uma das conferências mais importantes realizadas em benefício da pessoa com deficiência no cenário educacional, incentivando não somente a inclusão, mas sim o investimento dos países para ampliação do acesso à educação inclusiva. Diante disso, se vê a necessidade e a importância da formação de professores capacitados para o atendimento dessas crianças e jovens, fato ainda que está sendo muito destacado como prioridade na educação inclusiva.

Mello (2004) explica que, a inclusão dos alunos com deficiência irá ocorrer somente quando suas condições físicas e intelectuais o possibilitar a sua integração. É caso das APAES (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) onde para o aluno estar matriculado é necessária a comprovação mediante uma avaliação diagnóstica que indique a deficiência ou comprometimento intelectual podendo ter ou não outras complicações, sejam elas visuais ou motoras, mas o requisito específico para estarem nessas escolas se dá pela avaliação intelectual.

Em 2008, Guimarães (2003) diz que, já era estabelecido que a educação devesse começar na infância com o intuito de desenvolver as bases necessárias para a formação do desenvolvimento da criança. Dessa forma, novos métodos como o lúdico vêm para ampliar este acesso às formas de comunicação e também como estímulos para que as crianças possam se adequar mais ao sistema de ensino.

Beyer (2006) ressalta que, para a inclusão de alunos com deficiência, está sendo disponibilizados vários programas nas escolas públicas de ensino regular, como salas multifuncionais que apresentam recursos diferenciados das demais salas do ensino regular, onde se torna uma grande ferramenta de ensino para alunos incluídos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As dificuldades de aprendizagem são bastante comuns nos anos iniciais. Visto isso, é importante detectar o mais rápido que puder quais os motivos que estão fazendo com que a criança apresente tal resistência ao aprendizado. Nesse sentido, é imprescindível que educadores estejam sempre atentos e próximo de seus alunos para poder notar algo que esteja acontecendo.

Os avanços tecnológicos possibilitaram acessibilidades e garantiram uma educação unificada para todos. A ludicidade rompeu com os parâmetros que a restringia de atuar como processo educacional. E a própria informação, no que unifica a linguagem e o conhecimento sendo capaz de fazer com que um aluno de qualquer parte do mundo conheça um personagem, jogo, brincadeira, refletida pela globalização contribui de forma sólida para o processo de aprendizagem.

Contudo, foi verificado que não basta somente que ter o professor inserido na sala de aula e que ele dê brinquedos para as crianças brincarem de qualquer forma. É preciso que o professor

planeje bem as aulas antes de levá-las para a sala de aula. Ele precisa verificar quais são os objetivos que devem ser atingidos com aquela brincadeira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. v. 12, 2009. Revista online De Magistro de Filosofia, Ano X, no. 21, 1º. Semestre de 2017. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/04/o-l%C3%BAdico-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil.pdf>>. Acesso 20 jan. 2022.

AMORIM, Letícia Calmon Drummond. **O autismo**. Publicado em 2017. Disponível em <<http://www.associacaoafeto.com.br/2017/11/17/o-autismo/>>. Acesso 10 jan. 2025.

ARANTES, V. R. Adriana. BARBOSA, S. Jéssica Thaynara. **O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2017. Revista online De Magistro de Filosofia, Ano X, no. 21, 1º. Semestre de 2017. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/04/o-l%C3%BAdico-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil.pdf>>. Acesso 17 jan. 2025.

ARAÚJO C. **História da música**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Disponível em: <<file:///E:/LIVROS%20PEDAGOGIA/ARTE%20E%20MUSICALIZAÇÃO%20APLICADAS%20À%20EDUCAÇÃO.pdf>>. Acesso 10 jan. 2025.

ASSUNÇÃO, F., Pimentel, A. **Autismo Infantil**, Revista Brasileira de Psiquiatria, BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e Bosa**. – Porto Alegre: Artemed., 2002.

BEYER, H. O. **Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas**. In: BAPTISTA, C. R. (Org.) **Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73 -81.

BORGES, R. Ângela M. **COMO A NEUROPSICOEDUCAÇÃO APERFEIÇO A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MARABÁ**. III Congresso Paraense de Educação Especial. 2016. Disponível em: <[https://cpee.unifesspa.edu.br/images/Anais\\_2016/Relatos\\_de\\_experiencia/Angela\\_Maria\\_Rodrigues.pdf](https://cpee.unifesspa.edu.br/images/Anais_2016/Relatos_de_experiencia/Angela_Maria_Rodrigues.pdf)>. Acesso 10 jan. 2025.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/conanda/declara.htm>>. Acesso 10 jan. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, v.01 e 02.1998.

COSTA, Carla Patrícia da S.G. **A importância do uso de estratégias de mediação pedagógica para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA)**. Publicado em 2018. Disponível em: <<http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/viewFile/551/344>>. Acesso 10 jan. 2025.

COSTA, S. B. **A importância da música para as crianças**. São Paulo: Abemúsica, 2002.

GANDERER, E. Christians. **Autismo, uma atualização para os que atuam na área do especialista aos pais**. Brasília: Corde, 1993.

GONÇALVES, Paula Pais. **O Autismo e a Aprendizagem Escolar**. Publicado em 2013. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/>>. Acesso 10 jan. 2025.

GUIMARÃES, Arthur. **A inclusão que dá certo**. Nova Escola: São Paulo, abril, nº165, Setembro de 2003.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular Brasileira e ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. V. 2, São Paulo: Cortez, 2010.

**LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Art. 88/89, Art. 9 e Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

**LEI Nº 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm). Acesso 10 jan. 2025.

Lei nº 4024, de Dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Publicado em 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/l4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l4024.htm) > Acesso 10 jan. 2025.

MEC/SEF, 1998. BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Editora do Brasil.

MELLO, Guiomar Namó de. **Educação escolar brasileira: O que trouxemos do século XX**. Porto Alegre, 2004.

MERRIAM, A. P. 1956 "**Songs of the Ketu Cult of Bahia, Brazil**", African Music, vol. 1: 53-67, 72-80. [ Links ] 1963 "Songs of the Gege and Jesha Cults of Bahia, Brazil", Jahrbuch für musikalische Volks- und Völkerkunde, vol. 1: 100-35.

MORATORI, Patrick Barbosa. **Por que usar jogos educativos no processo ensino aprendizagem?** 2003. 33 Trabalho de conclusão de curso da disciplina de Introdução à informática na educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel**. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, M. S. L.; BERNARDES, M. J.; RODRIGUEZ, M. A. M. **A música na creche**. In: ROSSETI-FERREIRA, M. C. et all (Orgs.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 103-104.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto alegre: Artmed, 2007.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SULLIVAN, R. **Deformity: A modern Western with ancient origins**. Proceedings of the royal college of physicians of Edinburgh.2001.

ZAVAREZE, T.E. **A construção histórico cultural da deficiência e as dificuldades atuais na promoção da inclusão** O portal dos psicólogos. 2009. Disponível em: [www.psicologia.pt/artigos/textos/A0478.pdf](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0478.pdf). Acesso 10 jan. 2025.